

# Onde elas estão? Uma busca pela representatividade de pianistas e compositoras mulheres

*GTE 18 - Gênero, sexualidade e interseccionalidades e/m Educação Musical*

## Relato de Experiência

*Adriana Bozzetto  
Universidade Federal do Pampa  
adrianabozzetto@unipampa.edu.br*

*Luan de Paula Honório  
Universidade Federal do Pampa  
luanhonorio.aluno@unipampa.edu.br*

*Fabio de Lima Peralta  
Universidade Federal do Pampa  
fabioperalta.aluno@unipampa.edu.br*

**Resumo:** A proposição deste relato de experiência, construído a partir do desenvolvimento de um componente curricular complementar de graduação no contexto de uma universidade pública localizada no sul do Brasil, tem como objetivo dar visibilidade para compositoras e pianistas mulheres, ainda tão difusas quando buscamos repertório musical para o instrumento piano. Na perspectiva de fugir de um foco rígido em determinado período da história da música ocidental, a ideia central foi conhecer diferentes processos composicionais e repertórios para piano, colocando em evidência mulheres pianistas, intérpretes, compositoras, bem como suas histórias de vida e formação. As atividades foram realizadas ao longo do segundo semestre vinculado ao ano de 2020 no componente curricular intitulado Literatura do Instrumento II: Piano, que deu continuidade aos estudos iniciados em Literatura do Instrumento I: Piano, ambos componentes curriculares complementares de graduação. As aulas foram desenvolvidas através da plataforma Google Meet, com encontros síncronos e assíncronos, contando com o registro de aulas, materiais e fóruns no Moodle institucional da Universidade Federal do Pampa, vinculado ao referido componente curricular durante o período de ensino remoto emergencial. Junto ao componente, a docente e dois discentes submeteram um projeto de ensino para registro institucional do trabalho, foco do presente relato. Espera-se que as atividades contribuam na formação acadêmica dos/as discentes, potencializando reflexões e discussões relativas a questões de gênero e, também, étnico-raciais. Nesse sentido, amplifica um novo olhar para algo já muito naturalizado no campo musical, especificamente ligado ao ensino de piano, instrumento marcado por uma condição conservadora e elitista.

**Palavras-chave:** pianistas mulheres; compositoras mulheres; histórias de vida e formação.

## Introdução e contexto do projeto de ensino

O presente relato de experiência baseou-se em um projeto de ensino desenvolvido em um componente curricular do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa, que teve como objetivo conhecer e dar visibilidade para pianistas e compositoras mulheres, ainda tão difusas quando buscamos repertório musical para piano, oportunizando conhecer processos de formação e trajetórias de vida. Na perspectiva de fugir de um foco rígido em determinado período da história da música ocidental, a ideia central foi conhecer diferentes processos composicionais/repertórios para piano, colocando em evidência mulheres pianistas, intérpretes, compositoras, bem como suas histórias de vida e de formação.

As atividades foram realizadas durante o segundo semestre vinculado ao ano de 2020 na Universidade Federal do Pampa, no formato de ensino remoto emergencial, em razão da Pandemia de Covid-19 que ainda permanece. O componente curricular ministrado, intitulado *Literatura do Instrumento II: Piano*, deu continuidade aos estudos iniciados em *Literatura do Instrumento I: Piano*, ambos componentes curriculares complementares de graduação. As aulas foram desenvolvidas através da plataforma Google Meet, com encontros síncronos e assíncronos, contando com o registro de aulas, materiais e fóruns no Moodle<sup>1</sup> institucional da Universidade Federal do Pampa, vinculado ao referido componente curricular durante o período de ensino remoto emergencial, potencializando reflexões e discussões relativas a questões de gênero e, também, étnico-raciais.

Como parte dos objetivos específicos traçados no projeto de ensino e no desenvolvimento do componente curricular, realizamos um mapeamento inicial de informações escritas e, por vezes, ilustrativas, de modo a dar visibilidade para pianistas e compositoras mulheres buscando documentários, gravações e sites, oportunizando desvelar também composições e repertórios para piano. Essas buscas motivaram a pensarmos uma construção inicial de material didático pensando a formação de licenciandos em música, com a intenção de contribuir para uma formação ampla e representativa de mulheres no campo da música trazendo invisibilidades e recontando história(s) de dominação masculina.

Buscando ligar o componente curricular com outros componentes, discutimos a importância de trabalhar essas questões e aproveitar o projeto de ensino como suporte para

---

<sup>1</sup> O MOODLE, *Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment*, é um ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

os estágios curriculares do Curso de Música: Licenciatura, colocando em prática os estudos e multiplicando saberes com estudantes de escolas em que os licenciandos atuam e/ou atuarão ao longo do Curso.

A proposta desenvolvida no componente curricular pautou-se notadamente em textos e artigos da pesquisadora, compositora e pianista Catarina Leite Domenici (2012; 2013; 2019), de modo a motivar a leitura e reflexividade do tema em questão para construção de argumentos e consciência do papel ativo do/a intérprete contemporâneo/a. Essas discussões, apoiadas em referenciais sociológicos (Souza, 2004), contribuíram para alargar o que se entende pelo ensino de piano em tempos de lutas por igualdade de gênero e das questões étnico-raciais no campo da educação musical.

A metodologia adotada no componente curricular compreendeu aulas expositivo-dialogadas, audições musicais comentadas com repertório musical específico para piano e, eventualmente, outros instrumentos de teclado. Também, discussão crítica de textos e documentários referentes ao componente curricular, em dinâmicas de trabalhos individuais. Em diversas ocasiões, partilhamos algumas palestras que circulavam pelas redes sociais, discussões sobre o tema do semestre e vídeos em grupo criado no aplicativo WhatsApp, o que se tornou uma importante ferramenta pedagógica, além da partilha de materiais através do e-mail institucional.

Uma das primeiras atividades desenvolvidas no componente curricular foi a apreciação musical e reflexiva que oportunizou duas diferentes perspectivas a partir de uma mesma obra musical, qual seja, o Prelúdio nº 2 de J. S. Bach em dó menor. Interpretada pela pianista Silvia Goes e pelo pianista Glenn Gould, ofereceu um olhar diferenciado e criativo, mostrando possibilidades construídas em contextos muito diversos em que ambas as interpretações musicais foram produzidas<sup>2</sup>.

A avaliação do componente curricular envolveu, como um de seus instrumentos formais de avaliação, a apresentação e construção de conteúdo sobre alguma intérprete atual, no contexto nacional, atividade em que os discentes construíram material didático para dar visibilidade a mulheres no campo da música, discutindo o quanto, ainda, há compositoras que não foram reconhecidas como tais.

---

<sup>2</sup> Silvia Goes: <https://youtu.be/q4cGE9Ozcck>  
Glenn Gould: <https://youtu.be/hkg0aQxsKIU>

## Desvelando personalidades e processos de formação: documentários sobre pianistas mulheres

Uma das principais atividades desenvolvidas que poderíamos destacar no presente relato de experiência foi a de conhecer documentários sobre pianistas mulheres e histórias de vida e formação, através de uma busca pelo Google e YouTube. Essa busca foi feita com o uso de palavras-chave como “documentário pianista” e “documentário mulher pianista”, onde obtivemos um apanhado de links sobre documentários de pianistas lançados e links para o próprio documentário que foram sendo registrados em documento word e, também, na plataforma Moodle do componente curricular.

Nesta atividade, diversos nomes de mulheres pianistas de carreira internacional foram identificados, como o da pianista argentina Martha Argerich (1941), considerada uma das maiores expoentes de sua geração. O documentário destacado foi *Martha Argerich - Bloody Daughter*<sup>3</sup>, filme dirigido por Stephanie Argerich (2012), que poderíamos chamar de um retrato em/de família em que a mãe aparece através dos olhos de sua filha, em diversas situações cotidianas. Um conjunto de conversas íntimas, misturando acordos e desentendimentos através de laços “de sons e sangue”. Também se destacou o filme do cineasta francês Georges Gachot, intitulado *Martha Argerich: Conversa noturna (Evening Talks)*, de 2002. Esse filme já havia sido debatido e introduzido ao componente curricular como uma das atividades do plano de ensino. Diversas reflexões emergiram, durante as aulas, sobre esses filmes e documentários, compreendendo aspectos desafiadores de ser mãe e concertista, iniciar uma carreira pianística muito cedo em uma fase da vida feita para ser criança e adolescente, (re)inventada para que a pianista investisse em concertos, viagens, concursos. Uma juventude, por assim dizer, diferente de tudo e que, em algumas situações, trouxe alguns limites e tensões que vieram à tona em confissões ao longo do filme.

O mapeamento também localizou a pianista, cantora e compositora Nina Simone (1933 – 2003), ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos, através do documentário de 2015 intitulado *What Happened, Miss Simone?*<sup>4</sup>. O filme, de origem estadunidense, narra a trajetória de Nina Simone considerada uma “artista hipnotizante e

---

<sup>3</sup> *Martha Argerich's intimate portrait: Bloody Daughter - Film by Stéphanie Argerich*  
Documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=WV2jPWYQQqE>

<sup>4</sup> Notícia: <https://negre.com.br/documentario-mostra-trajetoria-de-nina-simone-ativista-na-musica/>

extremamente talentosa”, buscando responder à questão que dá título ao documentário, qual seja, “O que aconteceu, senhora Simone”? Sem antecipar a dramaticidade do filme, é importante pontuar que Nina Simone se tornou “a primeira pianista negra de música clássica, seu estilo musical preferido”.

Também teve destaque o documentário com a pianista portuguesa Maria João Pires<sup>5</sup> (1944) – No Silêncio de uma Nota<sup>6</sup>, instrumentista que possui vasta produção discográfica e protagonizou uma situação polêmica com um vídeo que se tornou muito popular de um concerto em que ela foi solista. A pianista estava programada para tocar um determinado Concerto para Piano de Mozart em Amsterdã, em um concerto na hora do almoço, sob regência de Riccardo Chailly. O maestro seguiu normalmente e Maria João Pires percebeu imediatamente o erro, e teve que tocar o concerto “certo” ali, na hora, mesmo visivelmente abalada. Tudo sem partituras, de memória. À primeira vista, o vídeo nos faz reagir: “e se fosse um pianista homem, teria se submetido a tocar uma obra que não estava preparado”? O vídeo rendeu reflexões interessantes e nos aproximou mais ainda da pianista. Pesquisando em sites e notícias, a pianista parece não gostar muito de se apresentar no palco. Acredita que o formato dos concertos deveria mudar para ser algo mais informal e relaxado. Ainda sobre a situação vivida, em relação a ter aprendido o concerto errado de Mozart e ter que executar “o certo”, encontramos notas escritas de este ser considerado “um dos momentos mais incríveis da música clássica”. Não sem alguma violência, como diria o sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Somou-se aos nossos achados o documentário de Magdalena Tagliaferro<sup>7</sup> (1893 – 1986), das grandes pianistas brasileiras do século XX, também destacada professora que desenvolveu seu lado pedagógico e criou as aulas públicas que aproximaram jovens pianistas das plateias. Aos 13 anos de idade, conquistou o primeiro prêmio e a medalha de ouro do Conservatório de Paris, como narra o filme. De cabelos e unhas vermelhas, considerada uma personalidade vibrante e ousada, dizia que os alunos não deveriam ficar trancados em casa apenas estudando piano. Para ela, a experiência de vida era tão importante quanto os estudos e as aulas.

---

<sup>5</sup> Site: [Maria João Pires - Official Website \(mariajoaopires.com\)](http://mariajoaopires.com)

<sup>6</sup> Documentário: Maria João Pires – No Silêncio de uma Nota: <https://youtu.be/P9jZyO6Fhx8>

<sup>7</sup> Documentário sobre Magda Tagliaferro: <https://www.youtube.com/watch?v=TwWHdKxc4fy>

Ainda no Brasil, destacamos o documentário<sup>8</sup> histórico da pianista baiana Celice Silveira (1930). No site da Secretaria de Cultura da Bahia<sup>9</sup>, com notícia<sup>10</sup> de 22 de novembro de 2018 intitulada *Documentário sobre pianista negra baiana será exibido na Casa da Música*, tivemos acesso à biografia da pianista celebrando o Dia da Música e, também, o mês da consciência negra. O documentário “Celice – Histórias e Canções de uma Mestra Pianista” aborda aspectos históricos da cidade de Salvador/BA, enquanto narra o percurso musical de Celice Silveira, então com 88 anos, que também foi professora de piano. Conforme consta na referida notícia, o documentário questiona o que ainda é exceção no contexto de tantas pianistas:

Como uma família negro-mestiça de Salvador dos anos 1930 formou uma pianista? A biografia em longa metragem busca responder em linguagem poética e abordagem histórica a esta pergunta. Conta a trajetória musical de Celice Silveira a partir das conexões entre duas esferas – a coletiva e a individual –, e da articulação entre ambas. O que se propõe apresentar em linguagem cinematográfica é o que se consagrou como uma biografia histórica. Em tom narrativo, a trama é contada em primeira pessoa pela filha da pianista, a diretora e historiadora Wayra Silveira (SECULTBA, 22 nov. 2018).

Além dos citados, outros<sup>11</sup> documentários foram localizados e, de homens pianistas, também foram registrados. Porém, como o foco do componente curricular foi dar visibilidade para as mulheres pianistas, os de homens foram documentados para eventualmente serem usados como recurso didático e mesmo como um possível instrumento de análise para reflexões e questionamentos.

A busca pelos documentários mostrou, para além da música interpretada por notáveis artistas, um importante resgate e registro de trajetórias femininas que contribuem e/ou contribuíram fortemente para a construção da história social do instrumento e para a inserção de mais mulheres ocupando protagonismos na música. O processo de busca e registro por esses filmes e documentários, realizado pelos discentes e apresentados em aulas síncronas, amplificavam discussões já realizadas sobre um outro lado que vem junto

---

<sup>8</sup> Link do filme: [bit.ly/celicefilme](http://bit.ly/celicefilme)

<sup>9</sup> [SecultBA - Secretaria de Cultura - Governo do Estado da Bahia](http://www.secultba.ba.gov.br)

<sup>10</sup> Notícia: <http://www.cultura.ba.gov.br/2018/11/15965/Documentario-sobre-pianista-negra-baiana-sera-exibido-na-Casa-da-Musica.html>

<sup>11</sup> Dentre eles, o da pianista paulista Guiomar Novaes: Documentário sobre Guiomar Novaes – parte 1 e parte 2: [https://www.youtube.com/watch?v=uwGV0rK\\_Wac](https://www.youtube.com/watch?v=uwGV0rK_Wac) <https://www.youtube.com/watch?v=HeZ3OPYOY9I> e, também, o documentário <https://www.youtube.com/watch?v=8xPIXTGV6YE>

com a fama e uma carreira bem-sucedida no mundo artístico. Questões de ordem pessoal, da vida cotidiana e familiar, bem como das várias personalidades femininas moldadas pelas exigências em busca da perfeição, nem sempre se mostraram como algo livre de um ideal geralmente centrado no imaginário do artista que atinge, ou que deveria atingir, um estado de serenidade e obediência. Conforme questiona Domenici (2019):

A eficácia é dirigida ao corpo, despojando-o do seu próprio prazer e bem estar na busca por uma técnica infalível a serviço da obra. Concebido nesses termos, o processo de formação de um intérprete pode converter-se em cerceamento não apenas da expressão do indivíduo, mas sobretudo do corpo, posto que este ocupa o último lugar na estrutura hierárquica: um corpo-objeto configurado em uma ferramenta para a realização de uma música idealizada por outrem (DOMENICI, 2019, p. 102).

Em vários aspectos, a aproximação e apreciação desses documentários sobre pianistas mulheres foi um divisor de águas para tornar visíveis pianistas que, muitas vezes, não chegam ao conhecimento de um público maior. Foi primordial, tanto para um maior conhecimento sobre a vida e carreira dessas pianistas, quanto pela possibilidade de construção de materiais didáticos que aproximem estudantes das várias histórias de pianistas mulheres brasileiras, que têm e ou tiveram uma carreira de sucesso internacional e, ao mesmo tempo, ainda são pouco conhecidas em nosso país. Para nós, foi também ampliar o entendimento sobre quem são essas mulheres, quais os desafios enfrentados para estarem onde estão e uma aproximação com limites que a própria profissão “pianista” impõe, mostrando o trabalho e dedicação por trás do(s) mito(s) do talento e, fundamentalmente, o papel ativo da família na construção de suas carreiras e “maravilhosas” performances.

Conforme Domenici (2012) sublinha em seu texto “His master’s voice: a voz do poder e o poder da voz”, os “conceitos de criatividade, liberdade e risco foram excluídos da formação dos intérpretes, ficando apenas a ideia da perfeição de uma reprodução fiel” (Domenici, 2012, p. 75). Nessa perspectiva, é fundamental refletir que esse “ideal da perfeição se traduz na infalibilidade do corpo na execução do texto e na capacidade do performer em ocultar a sua voz para que apenas a voz do compositor seja ouvida” (DOMENICI, 2019, p. 102). O constante exercício de procurar onde estão as compositoras mulheres para o instrumento piano, foco do componente curricular, permitiu ampliar

horizontes para outras estéticas, desvelando pianistas que circulam em diferentes meios em busca de sua voz artística.

Ao longo do componente curricular e desenvolvimento do projeto de ensino, debatemos por diversas vezes o quanto é necessária disposição para desnaturalizar aquele repertório considerado “adequado” para piano, quase sempre privilegiando compositores homens e europeus. Para muito além de seguir a ementa do componente curricular e apreciar obras musicais canônicas do repertório pianístico, a experiência em ressignificar o que poderia ser o óbvio, no mínimo, descortinou diferentes mulheres atuando em distintos cenários, construindo identidades e sentidos musicais para suas performances, privilegiando, em diversos momentos, compositoras e performers brasileiras, como veremos a seguir.

### **Onde elas estão? Sobre mulheres e pianistas compositoras**

Outra atividade proposta pelo componente foi a elaboração de um material didático (em forma de aula) que contasse a trajetória de uma pianista e compositora mulher, em diálogo com a(s) história(s) de dominação masculina na música. No componente curricular desenvolvido no semestre anterior, Literatura do Instrumento I: Piano, teve início o interesse e o compromisso em trazer o feminino como protagonista, o que motivou a escrita e registro da atividade em projeto de ensino pela docente, na plataforma SIPPEE-Sistema de Informações de Projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão. No referido semestre, os/as discentes trouxeram mulheres pianistas como a compositora, instrumentista e maestrina brasileira Francisca Edvigés Neves Gonzaga (1847 – 1935), mais conhecida como Chiquinha Gonzaga<sup>12</sup>, e a pianista venezuelana Gabriela Montero<sup>13</sup> (1970), que tem como prática constante improvisar ao piano depois de um recital, o que a tornou “mundialmente conhecida por seu talento para o improviso”, buscando interagir também com a plateia e sugerir que lhe deem algum tema para que possa improvisar.

As apresentações, realizadas pelos/as discentes, produziram diferentes olhares para essas pianistas, utilizando slides em arquivo de *power point* e construindo um importante acervo inicial que poderá servir como material de conscientização e divulgação de suas carreiras, práticas musicais e contextos de formação.

---

<sup>12</sup> Site: [2021 - ChiquinhaGonzaga.com](http://2021-ChiquinhaGonzaga.com)

<sup>13</sup> Site: [Gabriela Montero](http://GabrielaMontero)

Uma das apresentações por um dos discentes evidenciou a trajetória de Catarina L. Domenici, pianista, compositora, pesquisadora e professora titular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A proposta uniu aspectos lúdico-interativos para uma turma hipotética de ensino médio, juntamente com o embasamento teórico dos relatos históricos de dominação masculina com os exemplos de Nannerl Mozart<sup>14</sup> e Clara Schumann. O referencial que fundamentou a atividade baseou-se em Domenici (2013) que, ao falar sobre a performance feminina na história da música, pontua:

A demonstração pública da corporeidade é permitida apenas aos performers do sexo masculino. Quando se trata de performers do sexo feminino, a desinibição do corpo na performance é frequentemente percebida como uma ameaça à autoridade do compositor (autoridade patriarcal) e, portanto, tabu (DOMENICI, 2013, p. 103).

Como justificativa ao porquê falar de mulheres pianistas que também são compositoras, cabe refletir que o tema nasceu de dentro de uma das hierarquias do ramo da música (entendida como músicos performers e compositores), que privilegiou o sexo masculino retomando que as mulheres foram vedadas do seu desenvolvimento intelectual e criativo, sem o merecido “destaque”, considerado uma afronta à relação patriarcal estabelecida.

A trajetória de Domenici foi contada de forma expositiva destacando suas premiações e atuações como pianista e pesquisadora engajada na causa da representatividade feminina na música e, também, as apreciações de suas composições completaram a proposta. As composições e arranjos da pianista selecionadas para a apreciação na atividade foram: 1) Para Marcia<sup>15</sup> – piano solo e que também foi apresentada na terceira edição do *POA Jazz Festival* pelo Julio Herrlein Quarteto, no ano de 2017; 2) Wiegala<sup>16</sup> – apresentada por Domenici, em Londres, no seu recital de nome “Mestiza: The voice of Catarina Domenici”, patrocinado pelo projeto Donne: Women in Music UK, idealizado pela soprano brasileira Gabriella Di Laccio e 3) o vídeo de divulgação do Duo

---

<sup>14</sup> Aqui nos referimos à matéria do Programa Fantástico, da Rede Globo: <https://g1.globo.com/fantastico/quadros/mulheres-fantasticas/noticia/2019/12/01/mulheres-fantasticas-talento-da-musicista-nannerl-mozart-inspira-cantora-lirica-brasileira.ghtml>

<sup>15</sup> Catarina Domenici – Para Márcia: <https://www.youtube.com/watch?v=wgoZI5bIS1M>

<sup>16</sup> Weber/Domenici – Wiegala (arranjo de Catarina Domenici): <https://www.youtube.com/watch?v=yBmlB0k5Zlg>

Bujes-Domenici<sup>17</sup> – fundado por Catarina Domenici e a violinista Paula Bujes, dedicado à difusão de obras de compositoras.

Outra apresentação que destacaríamos nesse relato envolveu a pianista e compositora Bianca Gismonti, filha do compositor e instrumentista Egberto Gismonti. Bacharel em Piano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Bianca Gismonti integra, com a também pianista Claudia Castelo Branco, o Duo GisBranco, considerado revelação em 2005 pelo Festival de Jazz de Joinville/SC na categoria de música instrumental. Sua discografia inclui o CD Duo GisBranco<sup>18</sup> (2008), Sonhos de nascimento<sup>19</sup> (2013) – primeiro trabalho solo da pianista, Pássaros (2018) – do Duo GisBranco<sup>20</sup>, dentre outros. O Duo, formado pelas duas pianistas, compositoras e cantoras, explora a dois pianos a ampla sonoridade do instrumento, misturando elementos da chamada música erudita e popular brasileira, em um trabalho considerado “inovador e singular”.

Colocar, portanto, em evidência mulheres pianistas e compositoras, tem um valor importantíssimo na sociedade atual quando discutimos igualdade de gênero, diversidade, pluralidade. Essas são contribuições que colocam em prática a responsabilidade que temos na educação das novas gerações. Pensando a formação acadêmica dos/as discentes, nas exigências curriculares, discutir gênero não pode ser algo às margens das pautas atuais. É necessário potencializarmos reflexões e discussões relativas a questões que “gritam” por atenção, tanto nos currículos escolares quanto nos currículos de espaços diversos de formação musical.

## Considerações finais para terem continuidade

O desenvolvimento do componente curricular intitulado *Literatura do Instrumento II: Piano*, ministrado de forma remota, e o projeto de ensino vinculado ao componente, oportunizaram reflexões e discussões relativas também a questões étnico-raciais e de gênero. Nesse sentido, amplificou-se um novo olhar para algo já muito naturalizado no campo musical, especificamente ligado ao ensino de piano, instrumento historicamente marcado por ser conservador e elitista. Ao produzirmos conhecimento sobre invisibilidades femininas no campo da música, especificamente compositoras mulheres que

<sup>17</sup> Duo Bujes-Domenici: <https://youtu.be/lv6Csux1r2o>

<sup>18</sup> Para escutar: [CD GISBRANCO \(immub.org\)](http://CD GISBRANCO (immub.org))

<sup>19</sup> Um pouco do CD: [CD Sonhos de Nascimento - Track Preview 2013 de bianca gismonti \(soundcloud.com\)](https://www.soundcloud.com/sonhos-de-nascimento)

<sup>20</sup> [Duo Gisbranco - Pássaros - Homenagem a Chico César \(Ao Vivo\) \(Ink.to\)](https://www.inkto.com/duo-gisbranco-passaros-homenagem-a-chico-cesar-ao-vivo)

escreveram/escrevem composições para piano, trouxemos discussões para processos criativos que também precisam ser desenvolvidos e presentes nas práticas musicais.

Nosso interesse partiu de um questionamento sobre a naturalização, ao longo dos séculos, de repertório musical para piano majoritariamente composto de compositores homens, a maioria pertencente ao universo europeu. A justificativa desse projeto está ancorada no resgate de compositoras e pianistas que, em sua maioria, ainda estão ofuscadas por compositores masculinos de sua época, identificadas geralmente por suas habilidades como intérpretes – o que lhes era “permitido”, e não por sua força criativa e inventiva ainda pouco presente nos repertórios de estudantes de piano em cursos superiores de Música, em pleno século XXI. A temática étnico-racial, embora tenha suscitado algumas importantes discussões e reflexões em aula do quanto ainda é difícil encontrarmos representatividade nas pianistas mulheres, é uma temática a ser aprofundada em futuros estudos e próximos componentes curriculares.

Nessa continuidade de violências simbólicas, como as trataria o sociólogo Pierre Bourdieu, é necessário que a nova geração, para quem também desejamos falar, não neutralize mais essas assimetrias de que meninos podem tudo e meninas devem ser obedientes e fiéis. Na vida e na partitura, ainda figura o que Domenici (2019) atenta para o acúmulo de regras, e sofrimentos, que o corpo também vai acumulando ao longo da prática de tantos performers, tentando responder a “um” ideal. Pianistas como a chinesa Yuja Wang e a georgiana Khatia Buniatishvili têm trazido muitas discussões a respeito disso, deslumbrando os palcos com decotes, salto alto, pernas à mostra e muito piano! Estão, hoje, a demonstrar que são aquilo que quiserem ser. Em uma reportagem on-line da revista Época<sup>21</sup>, de 2016, Khatia Buniatishvili, em matéria intitulada “O virtuosismo voluptuoso da pianista georgiana...”, reconhecida como a pianista que “se veste e toca de forma peculiar”, defendeu-se dizendo que se ela “mudar por causa das críticas, ‘os machistas terão vencido’”.

Em pleno século XXI, com a busca por liberdade de expressão e representatividades as mais diversas que superem o binarismo homem e mulher, precisamos investir em práticas musicais plurais, motivando aspectos criativos, pulsantes e pensantes e qualquer outra perspectiva que vá além de performances tecnicamente perfeitas. Esperamos que as atividades aqui partilhadas possam, também, contribuir para aulas criativas e

---

<sup>21</sup> <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/09/o-virtuosismo-voluptuoso-da-pianista-georgiana-khatia-buniatishvili.html>

representativas de gênero em estágios supervisionados de música, em construção de um currículo decolonial, saindo do cânone euro centrado e de compositores homens, ainda tão naturalizados nos currículos de cursos de Licenciatura e Bacharelado em Música. Este mapeamento inicial contribuirá, também, para conhecer e revelar repertório de compositoras mulheres a ser desenvolvido em outros componentes curriculares, conectando componentes práticos e teóricos.

## Referências

DOMENICI, Catarina Leite. O Intérprete (Re)Situado: uma reflexão sobre construção de sentido e técnica na criação de “Intervenções para Piano Expandido...”. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v.12, n. 2, p. 171-187, 2012.

DOMENICI, Catarina Leite. His Master’s Voice: a voz do poder e o poder da voz. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*. Pelotas, n. 5, p. 65-97, 2012.

DOMENICI, Catarina Leite. A performance musical e a crise da autoridade: corpo e gênero. *Revista Interfaces*, n. 18, v. 1, p. 76-95, jan./jun, 2013.

DOMENICI, Catarina (autora do capítulo). A performance musical e o gênero feminino. In: NOGUEIRA, Isabel Porto; FONSECA, Susan Campos (orgs.). *Estudos de Gênero, Corpo e Música: abordagens metodológicas*. Goiânia / Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p. 89 – 109.

DOMENICI, Catarina Leite. Perfeição é coisa de menininha tocadora de piano. *Seminário Internacional Convergências: pesquisa artística e práticas experimentais*. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, 7-11, mar. 2004.